

Errare humanum est

Apresentação

1

Proliferante e profundamente implicada com a merda e o ouro do mundo, a revista *Landa* abre seu novo número com a resposta à chamada pública “Errare humanum est”, que resultou em sete ensaios de variada estirpe, entre a verve experimental e o estudo especializado. Conta também com uma seção Olhares caleidoscopicamente nutrida, com outros sete multifacetados textos. E conta, finalmente, com uma entrevista concedida por Nuno Ramos à poeta e pesquisadora Victoria Cóccharo em 2018. Os materiais aqui apresentados falam, portanto, do erro, da terra, da posse, do barro, do fóssil e do fissil, com ênfase nos mares neobarrocos. E isto não apenas porque três de seus textos referem-se diretamente à questão do barroco na contemporaneidade – os de Silvana Santucci, Ignacio Iriarte e Valentín Díaz – mas porque boa parte deles opta pelas superfícies estriadas dos debates crítico-políticos em que jogos de linguagem, tradução, imagem e citação são elementos-chave.

Assim, com ênfase na errância, a convocação gerou respostas diversas e originais de pesquisadores brasileiros e argentinos, começando com um debate sobre a negritude a partir do pensamento de Bergson, passando pela variação linguística como errância em um conto de Lourenço Diaferia, a palavra errante em Blanchot, as poéticas portenhas de Leónidas Lamborghini e Fernanda Laguna, a “brevidade poética no sonho-educação”,

as perdas e as (re)escrituras segundo Marguerite Duras, para terminar com uma reflexão sobre a relação íntima do neobarroco com o erro e “os limites incertos do próprio conceito”.

Sendo o neobarroco este conceito aberto por definição, ele prossegue também aqui, nestas landas, nos dois primeiros textos da seção Olhares, extraídos das falas de Santucci e Iriarte no evento “Barroko em Desterro”, promovido em julho último pelo Núcleo Onetti de Estudos Latino-americanos. Ela, percorrendo “algumas modulações do programa barroco sarduyano enquanto episteme” a partir de seu livro *Heredar Cuba. Una teoría literaria en Severo Sarduy* (2020), entre as artes plásticas e os imaginários políticos latino-americanos; e ele, abordando o neobarroco literário e a história do Barroco como “um foco obscuro da modernidade e como um de seus principais espaços críticos”, a partir da pesquisa que resultou no livro *Del Concilio de Trento al Sida. Una historia del barroco* (2017).

2

Outros dois textos explodem em suas dimensões escritas e visuais na seção Olhares, primeiro com “A oca de Clóvis Gusmão. Sobre a página antropófaga da revista *O Q A*”, de Alexandre Nodari, e em seguida com “Sentido e sensação: a partilha do ser (‘eu considero essa ficção americana como um filme infantil’)”, de Raul Antelo. Em seu largo ensaio, Nodari começa apontando para o equívoco divulgado em matéria da *Folha de S. Paulo* de que não haveria projetos ou referências a uma “terceira dentição” da *Revista de Antropofagia* (1928-29), nem diferenças profundas de cunho ideológico entre sua primeira e segunda fases. A partir disso, aproveita para deslindar a página antropófaga da revista carioca *O Q A*, publicada no segundo semestre de 1929 e dirigida “nos cafés do Rio” por Clóvis de Gusmão, jornalista nascido no Pará cujo rastro o texto igualmente persegue. Antelo, por sua vez, resgata a presença ausente de João do Rio em revistas portenhas do início do século XX a fim de pensar um para-além do localismo carioca atribuído a Paulo Barreto desde o pseudônimo que o tornou conhecido. Entre um e outro ensaio visual, Jaime Correias narra a história da primeira homenagem em forma de *doutorado honoris causa* concedida a Jorge Luis Borges, pela Universidad Nacional de Cuyo, em 1956, quando o então diretor da Biblioteca Nacional argentina viaja de trem

a Mendoza para receber a honraria. Fecham sonoramente a seção Olhares os textos de Flavia Garione – sobre as vozes poéticas de Mariano Blatt e Federico Leguizamón – e de Demétrio Panarotto, em autografia sobre a vida-morte em estado bruto, a partir de Benjamin e Kundera.

Com dezoito edições ininterruptas e próxima de completar uma década de existência, a revista *Landa* conclui 2021 com mais este número neobarroso, concluído por sua vez com a entrevista deste artista *berrueco* que é Nuno Ramos. Agradecemos a Victoria Cóccharo a oportunidade de publicá-la aqui. E que venham merda e ouro em igual qualidade e quantidade em 22.

A equipe editorial